

## ATA DA TERCEIRA REUNIÃO ORDINÁRIA DO COMITÊ DE INVESTIMENTOS

1) DATA, HORA E LOCAL: No décimo sétimo dia do mês de maio de 2023, às 14h00, na sede do Fundo Previdenciário dos Servidores Públicos de Praia Grande, sito na Rua Jaú nº 880 Sala 54, Praia Grande, SP, estiveram presentes os senhores Ricardo Pereira da Silva, Victor Lopes Schiavetti, Cristiano de Mola (Video conferência) e Vania Maria de Carvalho Sanches.

Dando início à reunião, o Secretário Adjunto de Gestão Previdenciária, agradeceu a presença de todos e deu início aos trabalhos nomeando o Sr. Victor Lopes Schiavetti para secretariar os trabalhos.

2) ANÁLISE DO CENÁRIO MACROECONÔMICO – Foram apresentados aos membros do comitê o Relatório Analítico dos Investimentos e o Panorama Econômico Abril/2023, publicados no mês 05/2023 pela Consultoria contratada Crédito e Mercado Gestão de Valores Mobiliários Ltda. Após lido e discutido e aprovados, os relatórios foram anexados na presente Ata;

3) ANÁLISE DO RELATÓRIO ANALÍTICO DO MÊS DE ABRIL DE 2023 – 3.1 - Enquadramento: Resolução nº 4.963, de 25 de novembro de 2021 e Política de Investimento/2023: As aplicações do FPGPREV encontram-se enquadradas nos limites e critérios estabelecidos na Política de Investimentos de 2023 e na Resolução CMN nº 4.963/2021, totalizando no referido mês a carteira com R\$808.994.376,08 (Renda Fixa R\$665.527.267,09 (82,27%), Renda Variável e estruturados R\$118.752.075,45 (14,68%) - Exterior R\$24.715.033,54 (3,05%); A Carteira de Investimentos encerrou o mês com um retorno positivo de R\$6.552.674,70 (0,82%); (3.2) Relatório da Carteira: Apresentado aos presentes a composição da atual carteira para análise da quantidade de cotistas em cada fundo de investimento com os percentuais sobre do PL do FPGPREV aplicados e os respectivos saldos; 3.3) Resultado das aplicações financeiras após as movimentações de abril/2023: Apresentado, para análise, os retornos individuais de cada fundo de investimento que compõem a carteira do FPGPREV; 3.4) Total do patrimônio líquido do FPGPREV por gestores e administradores;

4) AVALIAÇÃO DOS INVESTIMENTOS: Foram analisadas, pelos membros, as performances, objetivos, características, composição de carteira, rentabilidades, taxa de administração, riscos de investimentos, dos fundos, parte do portfólio de fundos de investimentos do FPGPREV.

O que marcou o mês de abril na economia e no mercado financeiro?

Cenário Exterior

As perspectivas de crescimento de importantes economias no mundo melhoraram no primeiro trimestre de 2023 em relação ao que se esperava no fim do ano passado. Apesar da melhora, os bancos centrais dos EUA e Europa continuam aumentando suas taxas básicas para controlar aumentos de preços, causados por múltiplos e simultâneos choques de oferta como a Covid-19, a interrupção das cadeias internacionais de insumos e o conflito russo-ucraniano, e claro, algumas pressões de demanda. As taxas de inflação no mundo esperadas para 2023 são bem mais altas que há um ano.

A notícia externa de maior impacto no início do mês foi o inesperado corte 1,6 milhão de barris/dia na produção da Opep+. Enquanto os preços das ações das empresas petrolíferas tiveram ganhos, o lado ruim da história é que o corte resulta em pressão adicional sobre a inflação, em cenário de juros já muito altos.

O temor do mercado de que o corte na produção de petróleo pudesse levar o Federal Reserve (FED – Banco Central Americano) a tomar uma atitude mais dura quanto aos juros provavelmente não se confirmará. Os dados da atividade industrial e nos serviços, bem como um certo esfriamento do mercado de trabalho, contrabalançaram o efeito inflacionário nos combustíveis. Em síntese, a chance de uma alta de 0,25% nos juros para a reunião do início de maio se manteve.



A economia real sente os efeitos dos sucessivos aumentos dos juros básicos. Não só no encarecimento do crédito, mas também pelo elevado custo de capital, cujo efeito é o de atraso / cortes de novos investimentos pelas empresas. A previsão de uma leve recessão nos EUA deve se confirmar ao longo do 2º semestre do ano. As projeções para o desempenho das empresas vêm piorando, reforçando menor resultado futuro e, em geral, descontos na precificação das ações.

Durante o mês, os indicadores da economia americana alteraram sinais apontando por vezes para uma possível postura menos dura do Federal Reserve, outras para a continuidade de uma política monetária restritiva (aumento dos juros / nenhuma redução dos juros nos próximos meses). A verdade é que o FED precisa que a maioria dos indicadores estejam alinhados e apontando para a mesma direção, assim poderá efetivamente pensar em encerrar as altas.

Por exemplo, na segunda semana do mês, tivemos dois indicadores apontando para o mesmo sentido, o fechamento do ciclo de alta. A inflação ao consumidor e ao produtor vieram abaixo do esperado. O índice de preços ao consumidor (CPI) de março subiu 0,1%, ante a expectativa de 0,2%. Já o índice de preços ao produtor (PPI) recuou 0,5% em março, ante projeção de estabilidade.

Aguardado pelo mercado, a divulgação do relatório conhecido como Livro Bege, que traz a síntese das condições econômicas de cada uma das 12 regionais do Federal Reserve cobrindo todo o território americano, mostrou que a atividade econômica no mês de março havia mudado pouco. O posicionamento cauteloso dado o rumo ainda incerto para inflação e para os juros básicos, com a economia esfriando lentamente em direção a uma possível leve recessão no 2º semestre, dominaram as expectativas. A inflação persistente continua ditando o ritmo.

Uma no cravo, outra na ferradura

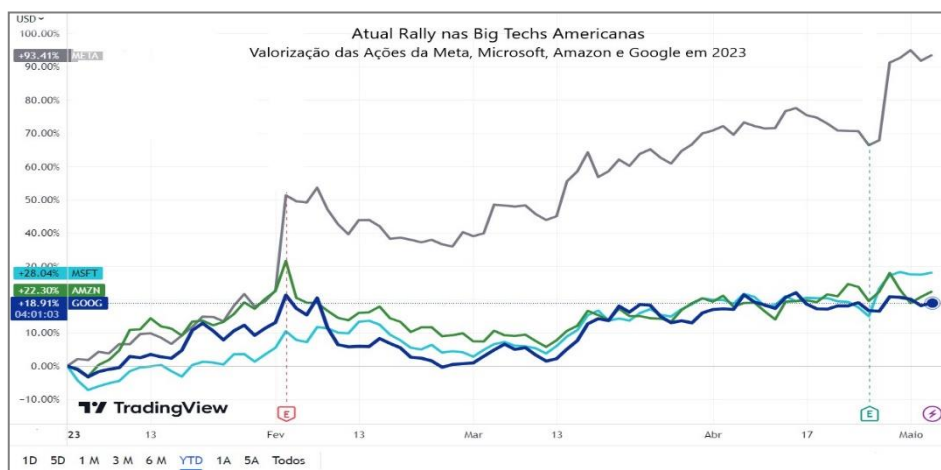
Reforçando os dados que indicam uma redução da atividade nos EUA, tivemos no final do mês a divulgação do PCE, medida favorita do FED para a inflação. O indicador subiu 0,1% em março, abaixo dos 0,3% esperados, contudo, movimentando as peças no sentido contrário, o custo médio da mão-de-obra subiu, sinalizando para a alta de 0,25% no juro básico americano para a reunião de maio.

Para finalizar as idas e vindas de indicadores americanos apontando para lados diferentes, o produto interno bruto (PIB) mostrou crescimento de 1,1% no primeiro trimestre de 2023, ante uma expectativa de 2,0%. Economia realmente esfriando? Precisamos aguardar mais dados...

Resultado das Big Techs: em síntese, bons resultados

- A Alphabet (Google) registrou um aumento de 3% na receita do primeiro trimestre, para US\$ 69,8 bilhões em relação ao ano anterior, embora o lucro líquido tenha caído de US\$ 16,4 bilhões para US\$ 15,0 bilhões. A empresa superou as previsões de receita depois de ficar aquém das expectativas por quatro trimestres consecutivos.

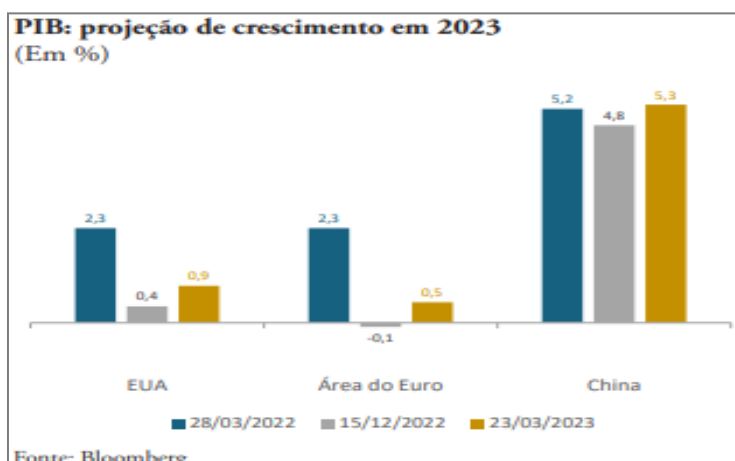
- A Microsoft reportou lucro de US\$ 18,3 bilhões no primeiro trimestre de 2023, alta de 9% frente igual período de 2022.
  - A Amazon registrou lucro líquido de US\$ 3,2 bilhões, revertendo prejuízo de US\$ 3,8 bilhões registrado em 2022 para o mesmo período.
  - Dona do Facebook, a Meta reportou lucro 24% menor no 1º trimestre de 2023 ao alcançar US\$ 5,1 bilhões. Apesar disso, o lucro por ação foi de US\$ 2,20, já o mercado esperava US\$ 2,02.
- Veja abaixo o excelente comportamento e rentabilidade acumulada no recente rally das ações big techs americanas.



Para finalizar

Dez entre dez analistas creditam à China a aceleração necessária para compensar a retração que se aproxima das economias dos EUA e Europa e assegurar o crescimento global em 2023.

Até agora, com o final da política de Covid-Zero, podemos observar sinais positivos, mesmo que um pouco mais fracos do que se esperava. O produto interno bruto (PIB) da China avançou 4,5% em termos anuais no primeiro trimestre do ano e as vendas no varejo subiram 10,6% em março. De outro lado, a atividade industrial não mostrou a mesma força e veio abaixo das projeções: 3,9%, ante 4,1% esperados.



Na Área do Euro, a inflação ao consumidor recuou de 8,5% ao ano em fevereiro para 6,9% em março. Uma boa notícia, entretanto, o nível dos preços continua muito acima da meta de inflação, 2,0% ao ano, indicando que mais aumentos de juros pelo BCE (Banco Central Europeu) virão.



### Cenário Brasil

Desde o último trimestre do ano passado, o comportamento dos indicadores setoriais mostra um recuo da atividade econômica brasileira e este quadro se manteve nos primeiros meses de 2023. O mercado de trabalho vem mostrando sinais de enfraquecimento, com a perda de dinamismo na geração de empregos. A taxa de desemprego medida pela Pnad, do IBGE, subiu de 8,6% em fevereiro para 8,8% em março.

Não foi à toa que o mercado se surpreendeu com o resultado da chamada “prévia do PIB”, medida pelo IBC-Br de fevereiro. O Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br) teve alta de 3,32% no acumulado em 12 meses, sinalizando um possível 1º trimestre mais positivo e resiliente do que se esperava. Os dados mais recentes mostram que o processo de desinflação vem se consolidando nos últimos meses, embora tanto os índices de preços ao consumidor quanto os núcleos de inflação ainda se encontrem em patamares elevados.

A inflação acumulada em 2023 deve manter-se no nível atual, encerrando o ano próxima de 5,6% segundo o IPEA e acima do intervalo superior da meta atual, de 4,75%. Os preços administrados e os preços dos serviços continuam pressionando o IPCA. Assim, a flexibilização da política monetária só deve começar entre julho e agosto deste ano.

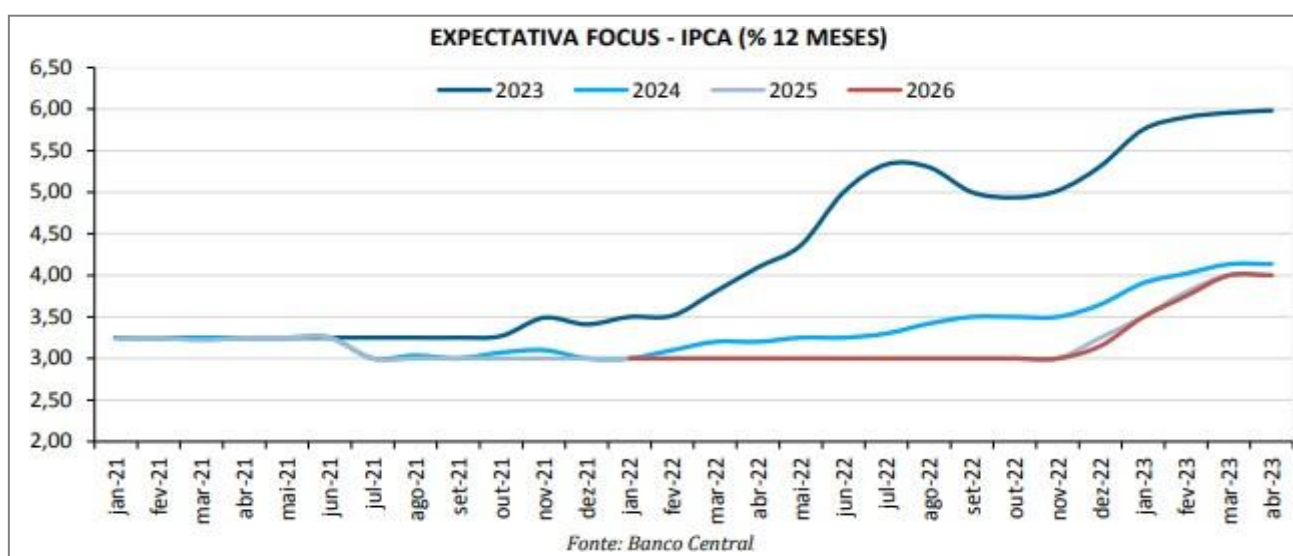
| <b>Previsão para o IPCA (2023)</b> |          |                              |
|------------------------------------|----------|------------------------------|
|                                    | Peso (%) | Previsão da taxa de variação |
| Alimentos no domicílio             | 16,0     | 4,5%                         |
| Bens Livres - exceto alimentos     | 23,5     | 3,0%                         |
| Serviços - totais                  | 34,6     | 6,0%                         |
| Serviços - exceto educação         | 29,7     | 5,6%                         |
| Educação                           | 5,0      | 8,5%                         |
| Monitorados                        | 25,9     | 8,2%                         |
| IPCA                               | 100,0    | 5,6%                         |

Elaboração: Ipea

O Ibovespa encerrou o mês de abril com uma alta de 2,5%. O desempenho foi positivo tendo em vista as quedas acumuladas pelo índice ao longo de 2023, contudo, o retorno de abril ficou longe do excelente início de mês, onde o bom humor tomou conta do mercado.

Os primeiros dias do mês foram muito positivos para o mercado acionário. O índice chegou a acumular uma alta dentro de uma mesma semana de 5,41%, a maior em 2023.

Os motivos para o bom humor tinham relação com a apresentação da proposta do novo arcabouço fiscal, depois de uma espera angustiante, e com os dados da inflação corrente abaixo das expectativas. A prévia do IPC-A do mês de março ficou em 0,71%, o suficiente para fazer a inflação acumulada em 12 meses recuar para 4,65% e dentro da faixa de tolerância superior da meta para 2023, que é de 4,75%. O sinal foi bem recebido e a Bolsa comemorou, com o mercado precificando cortes para a taxa Selic. Sempre lembrando que o principal indutor macro de alta para a Bolsa neste ano são juros menores.



Alegria que durou pouco. Apesar desta melhora pontual, a inflação corrente ainda mostra seu núcleo (exclui preços de produtos como alimentos e energia, muito voláteis), ainda acima da meta, entre 5% e 6% ao ano. Somadas as projeções para o IPCA para os anos de 2024 e 2025 (Relatório Focus), que se mostram resilientes, há pouca margem para redução da taxa de juros no curtíssimo prazo e o COPOM deve manter a Selic em 13,75% ao ano na decisão de 03/05/23.

O apetite dos gringos por risco Brasil voltou em abril. Tivemos um fluxo positivo de aproximadamente R\$ 2,90 bilhões vindo de investidores estrangeiros. Eles são importantes porque, em média, respondem por cerca de 50% do volume negociado no mercado à vista da B3. Comparada as saídas líquidas de recursos em março e fevereiro últimos foi um bom número.

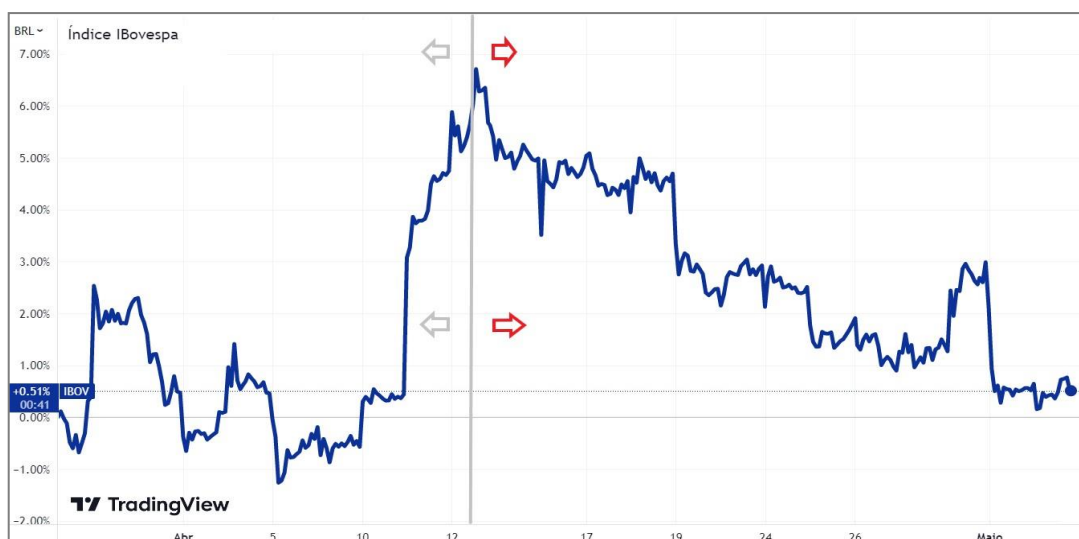
O mercado cambial agradece a entrada de capital e o diferencial de juros. Com os dados econômicos apontando queda da inflação nos EUA (mesmo que lenta), a expectativa pelo fim do ciclo de alta dos juros pelo FED e o excelente diferencial entre as taxas de juros reais EUA-Brasil, o dólar recuou - 1,60% em abril. No ano a desvalorização da moeda americana em relação ao real já atinge 5,54%.

Agora, o que explica a virada de humor do mercado da segunda metade do mês em diante?

O mesmo arcabouço fiscal. Como assim? Bem, o texto que chegou ao Congresso para ser analisado, após diversos estudos/simulações feitas por gestoras e bancos utilizando os parâmetros definidos pelo governo federal, ainda gera muitas dúvidas quanto à sua viabilidade e capacidade de organizar as contas públicas, ou seja, no frigar dos ovos, de fazer a relação dívida pública / PIB estabilizar e cair ao longo do tempo. A versão final do projeto será analisada por Câmara e Senado, com necessidade de maioria simples para aprovação, ou seja, 257 votos entre os 513 deputados e 41 dos 81 senadores. O Congresso provavelmente fará modificações nas premissas que o governo adotou.

O mercado convergiu para uma avaliação de que será preciso um aumento de receitas muito grande para alcançar as metas traçadas e, mesmo assim, parece pouco provável conseguir estabilizar a dívida antes de 2027 ou 2028. Afinal, de onde virão as receitas?

Um mês, abril. Dois momentos para o Ibovespa



Diante de uma certa decepção, o bom humor foi sendo deixado de lado. Enquanto isso acontecia, o Ibovespa foi devolvendo os ganhos que tinha conseguido acumular nas primeiras semanas do mês.

O principal gatilho capaz de destravar os ganhos no Ibovespa é um corte na taxa Selic. Por isso, a tratativa em torno da norma fiscal é importante. Ela é que vai estabilizar as contas, permitindo um arrefecimento das projeções para a inflação para os próximos anos e um afrouxamento da condução da política monetária pelo Banco Central. O futuro da Bolsa depende do fiscal.

O resultado final da futura âncora fiscal será determinante para os juros, mercado acionário e rating brasileiro. Entre momentos de desconfiança e pálidas certezas, tivemos eventos durante o mês que mostraram o vai-e-vem da nova regra fiscal, se ela é pra valer e se funcionará.

1. Decisão do governo de retroceder na cobrança de imposto de importados para pessoas físicas para compras até US\$ 50. O objetivo do governo era arrecadar R\$ 8 bilhões ao ano com as novas regras de tributação. Impactou negativamente o mercado.

2. Decisão favorável ao governo no Superior Tribunal de Justiça (STJ). A autorização da cobrança de IRPJ e CSLL sobre benefícios fiscais de ICMS deve reforçar a arrecadação em R\$ 90 bilhões. Impactou positivamente o mercado.

Agora é esperar pelo Congresso e ver para onde vamos.

Destaques do mês

A inflação oficial medida pelo IPCA apresentou desaceleração: de alta de 0,84% em fevereiro para 0,71% em março. O resultado veio melhor que a expectativa, que era de 0,77%.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva assinou 15 acordos comerciais e de parceria em diversos setores econômicos com a China em encontro com o líder chinês Xi Jinping.

O índice de preços ao consumidor (CPI) de março dos EUA subiu 0,1%, ante expectativa de 0,2%. Em fevereiro, a alta tinha sido de 0,4%.

O índice de preços ao produtor (PPI) dos EUA, que recuou 0,5% em março, ante projeção de estabilidade. Em fevereiro, houve queda de 0,1%.

Divulgada a Ata da última reunião de política monetária do FED, que subiu os juros em 0,25%, para o intervalo entre 4,75% e 5% ao ano. Sem grandes novidades no texto.

Primeira baixa ministerial do novo governo federal. O ministro Gonçalves Dias, chefe do Gabinete de Segurança Institucional (GSI), pediu exoneração do cargo após a divulgação de imagens que mostram sua movimentação no Planalto, durante a invasão do prédio em 8 de janeiro.

Novo arcabouço fiscal chega ao Congresso para avaliação de senadores e deputados.

Divulgado o IBC-Br, prévia do Produto Interno Bruto (PIB), pelo Banco Central. O indicador avançou 3,32% acumulados em 12 meses.

O IPC-A 15 do mês de março ficou em 0,71%, o suficiente para fazer a inflação acumulada em 12 meses recuar para 4,65%.

A produção industrial, medida pelo IBGE, teve recuo de 0,2% em fevereiro, pouco acima da queda de 0,1% projetada. É o terceiro resultado negativo consecutivo. Com isso, a indústria nacional está 2,6% abaixo do patamar pré-pandemia e 19% abaixo do nível recorde da série, alcançado em maio de 2011.

A taxa de desemprego medida pela Pnad, do IBGE, subiu de 8,6% em fevereiro para 8,8% em março.

5) ANÁLISE DO FLUXO DE CAIXA (procedimentos padrão) - As receitas de CONTRIBUIÇÕES MENSIS deverão ser aplicadas: no fundo ITAÚ INSTITUCIONAL RENDA FIXA REFERENCIADO DI referente a TAXA DE ADMINISTRAÇÃO, os valores referentes ao aporte, no Fundo específico SANTANDER IMA-B 5 PREMIUM FIC RF e o restante devendo ser aplicado no fundo BRADESCO PREMIUM FI RF DI e, caso haja contribuições inferiores a R\$ 200.000,00 (valor mínimo para movimentação do fundo BRADESCO PREMIUM FI RF DI), deverá ser utilizado o fundo CAIXA FI BRASIL IRF-M 1 TP RF.

Em relação aos OUTROS CRÉDITOS que o FPGPREV venha receber, deverão ser alocados no fundo BRADESCO PREMIUM FI RF DI e caso haja outros créditos inferiores a R\$ 200.000,00 (valor mínimo para movimentação do fundo BRADESCO PREMIUM FI RF DI) deverá ser utilizado o fundo CAIXA FI BRASIL IRF-M 1 TP RF.

Quanto ao pagamento de DESPESAS PREVIDENCIÁRIAS, deverá ser utilizado o fundo BRADESCO PREMIUM FI RF DI e caso haja pagamento inferior a R\$ 200.000,00 (valor mínimo para movimentação do fundo BRADESCO PREMIUM FI RF DI) deverá ser utilizado o fundo CAIXA FI BRASIL IRFM1TP RF.

Quanto ao pagamento das DESPESAS ADMINISTRATIVAS, deverá ser utilizado, o fundo BB IRF-M 1 TÍTULOS PÚBLICOS FIC RENDA FIXA PREVIDENCIÁRIO.

Os valores que retornarem à CONTA CORRENTE DO BANCO BRADESCO, devido a ausência de recadastramento, deverão ser transferidos para a conta corrente do banco da CAIXA ECONÔMICA FEDERAL e aplicados no fundo CAIXA FI BR IRF-M 1. Após o recadastramento, os pagamentos deverão ser realizados através da conta corrente da CAIXA ECONÔMICA FEDERAL.

#### 6) DELIBERAÇÕES APROVADAS PELO COMITÊ DE INVESTIMENTOS A SEREM SUBMETIDAS AO CRIVO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

a) Os membros do Comitê de Investimentos sugerem por não realizar movimentações esse mês. Ainda, sugerem pela aplicação automática, nos fundos de investimento elencados abaixo, dos recursos que não possam ser tempestivamente aplicados devido aos horários, devendo ser realocados no próximo dia útil para o fundo definido na ata.

- CAIXA BRASIL DISPONIBILIDADES FIC RENDA FIXA
- BB FLUXO FIC RENDA FIXA SIMPLES PREVIDENCIÁRIO

#### 7) CONSIDERAÇÕES FINAIS

a) Em atendimento ao disposto no art. 120, §2º da Lei Complementar nº 913 de 01 de abril de 2022, foi escolhido Victor Lopes Schiavetti como Presidente do Comitê de Investimentos, que conduzirá as reuniões e representará o Comitê perante os Conselhos Fiscais e de Administração, quando necessário.

b) O membro titular do Comitê de Investimentos, Gilmar Augusto Garcia, encontra-se em férias, sendo substituído pelo membro suplente Cristiano de Mola.

c) E, não havendo mais nenhuma manifestação, deu-se por encerrada a reunião às 16h00 e eu, Victor Lopes Schiavetti, secretariei os trabalhos e subscrevo \_\_\_\_\_ seguido dos demais presentes.

RICARDO PEREIRA DA SILVA  
MEMBRO DO COMITÊ DE INVESTIMENTOS

VICTOR LOPES SCHIAVETTI  
MEMBRO DO COMITÊ DE INVESTIMENTOS

CRISTIANO DE MOLA  
MEMBRO SUPLENTE DO COMITÊ DE INVESTIMENTOS